

Epistemologia pentecostal e presença política

Kenner Cazotto Terra¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v13i37.52194>

Resumo: O movimento pentecostal é um fenômeno moderno, multifacetado, plural e global. Como resultado de diversas tradições e experiências cristãs, representa, paradoxalmente, continuidades e descontinuidades de teologias e tradições. Por isso, o Pentecostalismo e os movimentos carismáticos se inserem no conjunto maior da cristandade e dos movimentos cristãos contemporâneos. Entre tantos pontos fundamentais que compõem esses complexos e contemporâneos grupos cristãos, o acesso não mediado a Deus, a pneumatologia carismática, a crença na irrupção sobrenatural no mundo, a valorização da afetividade e partilha comunitária são seus pontos comuns. O fenômeno pentecostal representa uma fé vivencial, cuja presença do Espírito com dons, sinais e glossolalia revela outra racionalidade à desenvolvida na modernidade racionalista, o que faz da compreensão carismático-pentecostal uma contracultura intelectual, tornando sua visão de mundo uma diferente opção (mesmo que de dentro da própria modernidade) ao racionalismo moderno. Harvey Cox diria que o movimento pentecostal representa o preenchimento do Déficit extático deixado por grande parte do Protestantismo dos séculos XVIII-XX. À vista disso, mostrar-se-á o locus da compreensão pentecostal a respeito da realidade e suas propostas teológicas. Assim, o ethos carismático-pentecostal será apresentado como experiencial e místico, significando uma crítica à epistemologia desenvolvida no pensamento metafísico e impulso para a presença política no locus público.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Racionalidade. Epistemologia. Experiência. Locus público

¹ Bacharel em Teologia (Seminário Teológico Batista do Sul) com Integralização de créditos pela Escola Superior de Teologia (EST). Licenciado em Filosofia (Universidade Católica de Petrópolis - UCP). Mestre em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo - UMESP) e Doutor em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo - UMESP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2007-6745>. Email: krcterra@gmail.com

Pentecostal Epistemology and Political Presence

Abstract: The Pentecostal movement is a modern, multifaceted, plural and global phenomenon. As result of various Christian experiences, it paradoxically represents continuities and discontinuities of theologies and traditions. Therefore, Pentecostalism and the charismatic movements are part of the larger body of Christianity and contemporary Christian movements. Among the many fundamental points that make up these complex and contemporary Christian groups, unmediated access to God, charismatic pneumatology, the belief in the supernatural presence in the world, the appreciation of affection and community sharing are their commonalities. The Pentecostal phenomenon represents an experiential faith, whose presence of the Spirit with gifts, signs and glossolalia reveals another kind of rationality in contrast to that developed in rationalist modernity, which makes the Charismatic-Pentecostal understanding an intellectual counterculture, making his worldview a different option (even from within Modernity itself) to modern rationalism. Harvey Cox would say that the Pentecostal movement represents the filling of the ecstatic deficit left by much of eighteenth-century Protestantism. Therefore, we will show the locus of Pentecostal understanding of reality and its theological proposals. Thus the charismatic-Pentecostal ethos will be presented as experiential and mystical, signifying a critique of the epistemology developed in metaphysical thinking and starting to political presence in the public locus.

Keywords: Pentecostalism. Rationality. Epistemology. Experience. Public locus.

Epistemología pentecostal y presencia política

Resumen: El movimiento pentecostal es un fenómeno moderno, plural y global. Como resultado de diversas tradiciones y experiencias cristianas, paradójicamente representa continuidades y discontinuidades de las teologías y tradiciones. Para este tiempo, el pentecostalismo y los movimientos carismáticos forman parte del conjunto más amplio del cristianismo y de los movimientos cristianos contemporáneos. Entre tantos puntos fundamentales que conforman estos grupos cristianos complejos y contemporáneos, el acceso sin mediación a Dios, la pneumatología carismática, la creencia en la erupción sobrenatural en el mundo, la apreciación de la afectividad y el intercambio comunitario son sus puntos comunes. El fenómeno pentecostal representa una fe experiencial, cuya presencia del Espíritu con dones, signos y glosalilalia revela otra racionalidad a la desarrollada en la modernidad racionalista, que hace de la comprensión carismática-pentecostal una contracultura intelectual, haciendo de su cosmovisión una opción diferente (incluso desde dentro de la propia modernidad) al racionalismo moderno. Harvey Cox diría que el movimiento pentecostal representa la finalización del déficit

extático dejado por gran parte del protestantismo de los siglos XVIII-XX. En vista de esto, se mostrará el lugar de la comprensión pentecostal de la realidad y sus propuestas teológicas. Así, el espíritu carismático-pentecostal se presentará como experiencial y místico, es decir, una crítica de epistemología desarrollada en el pensamiento metafísico y el impulso a la presencia política en el locus público.

Palabras clave: Pentecostalismo. Racionalidad. Epistemología. Experiencia. Locus público.

Recebido em 14/02/2020 - Aprovado em 19/03/2020

Introdução

O Pentecostalismo moderno é um movimento plural e global. Resultado de diversas tradições religiosas e teológicas, paradoxalmente, esse fenômeno representa continuidades e descontinuidades de múltiplas experiências cristãs. Ele pode ser tratado como resultados de tradições e perspectivas teológicas diversas. Paradoxalmente, os movimentos pentecostais são continuidade e descontinuidade de múltiplas experiências cristãs. À vista disso, o Pentecostalismo e os movimentos carismáticos devem ser inseridos na tradição maior da cristandade. Sua mística coloca-os ao lado da espiritualidade ortodoxa e, como indica Harvey Cox, entre os místicos medievais como Tereza de Ávila e João da Cruz (COX, 1995, p.71). O acesso não mediado a Deus evidenciado na prática pentecostal representa sua principal identidade, coloca-o na história maior do Cristianismo, ao mesmo tempo em que representa uma crítica ao racionalismo moderno sobre o qual se estabeleceu a epistemologia Protestante. Há indícios na sua espiritualidade que apontam para os Pais da igreja, relembram a tradição medieval, ecoam as reformas europeias e laçam suas raízes nos avivamentos modernos. Essa perspectiva impulsiona o diálogo ecumênico e mostra com mais clareza seu *ethos*. A fé vivencial da presença do Espírito com dons, sinais e glossolalia faz da racionalidade carismático-pentecostal uma contracultura intelectual, tornando-a outra opção, mesmo que de dentro dela, ao racionalismo moderno. Na pneumatologia experiencial desenvolvida nesses movimentos, o Espírito de Deus não precisa de mediações sacramentais ou litúrgicas, Ele é vivenciado com a intensidade da experiência interior (COX, 1995, p.87). Contudo, historicamente o impulso carismático não pode ser tratado como inibidor da ação pública. Pelo contrário, tal experiência revela-se como parte da explicação teológica para um presença política, tratada aqui como espaço plural de disputas sociais e reflexão sobre o bem-comum de certa sociedade.

Neste ensaio, mostrar-se-á exatamente esse horizonte epistemológico como *lôcus* da compreensão pentecostal a respeito da realidade, suas propostas teológicas e hermenêutica bíblica. Ou seja, o *ethos* carismático-pentecostal é místico, experiencial e, paradoxalmente, tanto individual quanto comunitário, e como isso serve como parte de seu discurso autoritativo para vivência política no mundo.

1. Pentecostalismo e o Racionalismo Protestante: história e teologia

Alguns autores localizam a origem do movimento no *Bethel Bible College*, em Topeka, Kansas, liderado pelo pregador holiness Charles Fox Parham (1873-1929) (MENZIES, 1971; BLUMHOFER, 1993). No entanto, antes dele, glossolalia, curas e a doutrina do “batismo no fogo” já eram comuns. No movimento da santidade, por exemplo, acreditava-se que o batismo no Espírito fosse uma ação poderosa de santificação, a chamada segunda benção. Um personagem emblemático nesse contexto é o controverso Benjamim Hardin Irwin. Esse líder holiness, fundador da *Fire-Baptized Holiness Church* [Igreja da Santidade Batizada com Fogo], conduziu uma série de experiências nas Associações Holiness no Sul e Centro-Oeste dos EUA, no final do século dezenove, tratadas como Batismo com fogo e posterior à conversão e santificação, uma “terceira benção” marcada pelo empoderamento do Espírito e profunda iluminação interior (DAYTON, 2018. p.167-168). A perspectiva de Irwin e essa experiência pós-santificação fascinaram Parham influenciando sua perspectiva na escola onde era diretor (BARTOS, 2015, p.23). Outro nome importante na história do movimento pentecostal moderno é o pastor reformado Eduard Irving (1792-1834). Sua trajetória é interessantíssima. Enquanto líder da congregação na Regent Square, Londres, ouviu a respeito de relatos em 1830 (muitos anos antes da Rua Azusa) a respeito de milagres e manifestações carismáticas na Escócia. Convencido da veracidade dessas experiências, Irving abriu as portas de sua igreja para encontros de oração, os quais produziram, logo nos primeiros meses, manifestações místicas. Consequentemente, seu presbitério entrou em atrito com a nova perspectiva de seu pastor, o que gerou sua destituição do cargo pastoral. Logo depois, Eduard Irving fundaria a Igreja Católica Apostólica, cuja liturgia e teologia valorizavam as manifestações extáticas. Surpreendentemente, Irving defendia nesse tempo a *glossolalia* como sinal permanente do Batismo com o Espírito Santo, que já era previsto como ato posterior à santificação (MCGEE, 2017, p. 73-74).

Muitos autores, de outra maneira, tratam o fenômeno da Rua Azusa, em Los Angeles (1906-1909), liderado pelo afro-americano William J. Seymour, como início do movimento pentecostal moderno. Cinco anos depois da experiência da *Bethel Bible College*, em 1906, na Califórnia, em um antigo prédio onde aconteciam reuniões lideradas pelo pastor William Seymour, negros e brancos, homens e mulheres, viveram as mesmas

experiências de Topeka. Depois disso, aquele espaço ficou aberto a todos aqueles que desejassem ser cheios do poder do Espírito Santo. Milhares de crentes de várias igrejas visitaram as reuniões da congregação muitas vezes por semana. A Rua Azusa tornou-se uma espécie de "Jerusalém americana" para os pentecostais de todo o mundo (BARTOS, 2015, p.25). Nos primeiros anos, Seymour estava comprometido com a afirmação da glossolalia como evidência inicial do Batismo com o Espírito Santo. Depois de algumas querelas com seu antigo professor, Parham, o líder negro pentecostal começou a afirmar em escritos que as línguas eram uma das evidências, mas a evidência estaria na vida cotidiana (MCGEE, 2017, p. 115). Mesmo sem negar as línguas como genuína experiência do Batismo do Espírito Santo, Seymour começou identificar o divino amor por todos como a grande marca da presença do Espírito (OLIVERIO, 2012, p.10). Como explica o teólogo pentecostal Cecil M. Robeck Jr., o movimento liderado por Seymour tornou-se um exemplo profético de promoção e serviço aos marginalizados em um tempo de fortes tensões raciais e sócio-econômicas, além de promover o papel da igualdade da liderança masculina e feminina. Ou seja, servindo para empoderar pobres, minorias étnicas e mulheres, esse avivamento implantou uma forma de igualitarismo como modelo para o Pentecostalismo (ROBECK, 2006, p.4).

Neste trabalho, mesmo ciente com suas fragilidades, assume-se a Rua Azusa como origem do movimento. Contudo, não como evento isolado, mas parte de uma história de longa duração de ações carismático-pentecostais, as quais encontram em outro tipo de compreensão da fé e lugar importante da experiência, além de um jeito muito peculiar de leitura bíblica, o que daria a essa movimento seus traços mais particulares.

Em tempo, é importante sublinhar diferenças entre racionalidade e racionalismo. O movimento carismático e pentecostal modernos não são defensores do *irracionalismo*, mas são críticos do racionalismo desenvolvido na Modernidade Iluminista. Como observador *outsider*, o teólogo Harvey Cox descreve o Pentecostalismo como o ramo mais experiencial do Cristianismo. Em sua análise, em uma perspectiva da fenomenologia da religião, Cox afirma ser esse poderoso e espiritual movimento o preenchimento do *déficit* extático do Ocidente moderno (COX, 1995). Com linguagem das ciências da religião, o antigo professor de Harvard defende que a espiritualidade pentecostal toca a profundidade humana e rompe com as estruturas racionalistas do evangelicalismo e fundamentalismo modernos. Mesmo que nasça na Modernidade e use alguns de seus avanços, o movimento carismático-pentecostal critica, a partir de sua prática religiosa e experiência, o paradigma do sujeito, cujo modelo se estabeleceu nas ciências desde o século XVI, desenvolveu-se especialmente nas ciências naturais dos séculos seguintes e alcançou às ciências sociais no séc. XIX (SANTOS, 1988). A experiência pentecostal é naturalmente antagônica à perspectiva de racionalismo

triumfalista, a qual hipertrofia o valor da razão afirmando sua ação pura e direta. Na perspectiva racionalista, acredita-se que os métodos técnicos e objetivos possibilitam anular a interferência do corpo ou da tradição no processo de conhecimento.

No racionalismo moderno, então, o saber legítimo está cativo a uma única espécie de racionalidade, exatamente à devedora do paradigma do sujeito do modelo metafísico. Para explicar esse conceito, poderíamos fazê-lo de várias formas. Escolhemos dizer simplesmente que é a compreensão de mundo crente na força da razão e no conhecimento da verdade alcançado pelos métodos e ferramentas das ciências modernas. Acredita-se na separação entre sujeito e objeto. O sujeito, munido pela prática da razão, cuja força anula interesses externos à razão humana, vai ao objeto sem as interrupções ou neblinas da aparência, chegando na “coisa em si”. Por isso, as evidências das experiências imediatas são tratadas como ilusórias e vulgares (SANTOS, 1988, P. 48). O paradigma científico clássico da modernidade pode ser sintetizado em oito pontos: I. analogicamente mecanicista: o universo é como uma máquina; II. metodologicamente reducionista: qualquer coisa pode ser entendida, dividindo-a em suas partes; III. disciplinar: as disciplinas dissecam as partes do universo; IV. determinista: o que será está sendo determinado pelo que tem sido; V. estático na percepção: o universo é fechado e permite apenas rearranjos não desenvolvimento; VI. direção entrópica: a disponibilidade é sempre decrescente; VII. dualista em sua metodologia: mente e corpo existem em diferentes esferas; VIII. positivista na compreensão da verdade: a ciência é o único árbitro da verdade (JOHNS, 1995, p.80).

Essa compreensão de mundo está presente nos grandes desenvolvimentos médicos, industriais e sociais dos últimos quatro séculos. Contudo, especialmente os pontos II, VII e VIII são diretamente enfrentados pelo saber/racionalidade carismático-pentecostal, porque encontra na realidade do Espírito Santo e na presença das manifestações sobrenaturais outros tipos de evidências, acesso e apelo pela verdade. Margaret Paloma, em seu badalado trabalho sobre as Assembleias de Deus nos EUA, mostra-nos que a visão de mundo pentecostal certa releitura da razão instrumental moderna, o que significaria outra perspectiva epistemológica, a qual está sob as bases não naturalistas: “o processo de raciocínio racional da razão instrumental tão característico na ciência e na burocracia é absorvido na perspectiva pentecostal em uma visão de mundo (Weltanschauung) predominantemente sagrada” (POLOMA, 1989, p.8).

À luz dessa argumentação, o mundo compreendido pelo pentecostalismo em sua transitoriedade histórica não é a totalidade da realidade, e o saber via razão instrumental não é único caminho de acesso à realidade da fé e explicação da vida. Por isso, a “cosmovisão” e racionalidade carismáticas e pentecostais não são totalmente

adequadas ao racionalismo moderno-iluminista e, em certo nível, antagonizam-no. Nesse sentido, o *ethos* pentecostal tem outra epistemologia.

2. Características da epistemologia pentecostal e a sua participação política

As categorias de conhecimento utilizadas ou pressupostas pelos carismáticos e pentecostais, desde a percepção de mundo até seus saberes válidos, configuram-se críticas ao reducionismo da modernidade. Esse movimento é um gripo antropológico contra o racionalismo moderno (POLOMA, 1988). Contudo, o pentecostalismo instaura outra maneira de compreensão, que acredita na ação sobrenatural de Deus, na presença de milagres, no valor das emoções e intuições, no extraordinário para além das leis fixas da natureza, na subjetividade e no holismo espiritual contra os horizontes institucional e literal. Para o teólogo pentecostal Veli-Matti Kärkkäinen, a valorização da espiritualidade primal presente na glossolalia, sonhos, visões, danças e a ênfase na escatologia, além da materialidade da salvação e comunitarismo, seria exatamente o ponto de contato entre o Pentecostalismo e a Pós-modernidade (KÄRKKÄINEN, 2010, p.82-93). Ele não defende uma total relação entre esses dois conjuntos de saberes e movimentos, mas percebe na epistemologia dos movimentos carismático-pentecostais, em certo nível, pontos de contato com o pensamento pós-moderno, colocando-os entre os críticos ao modelo Moderno-iluminista de conhecimento.

J. K. Smith, ao descrever as características da teologia e experiência religiosa pentecostais, fala em “epistemologia afetiva”, na qual permite espaço não somente para a argumentação analítica, mas privilegia a intuição, as emoções e outros níveis da profundidade humana não admitidos no racionalismo da Modernidade (SMITH, 2003, p.114). Paralelamente à ênfase na experiência, para qualquer observador dos cultos pentecostais a presença do elemento afetivo é visível na música, na dança, no drama, nos movimentos, nas lágrimas e risos são elementos definidores da espiritualidade e racionalidade pentecostal. Esse quadro serve como pano de fundo para se pensar a epistemologia afetiva. Steven J. Land, seguindo definições parecidas, define a teologia e espiritualidade pentecostais e carismáticas com o termo “afeição apocalíptica”, o qual abrangeria três elementos fundamentais: gratuidade, compaixão e coragem (LAND, 1993). Contudo, “afeição” em sua perspectiva não é simplesmente experiência subjetiva, piedade piegas ou emoções transitórias. Segundo Land, a teologia e espiritualidade afetivas dos pentecostais e carismáticas formam o núcleo existencial da fé.

Nesse sentido, a espiritualidade do movimento carismático-pentecostal aponta para outra possibilidade mais intrigante, diria Cox, de compreensão da vida ou fazer teológico, o qual se estabelece com categorias não racionalistas de discurso sobre Deus. A afetividade da teologia pentecostal, segundo Land, é estabelecida pela gratidão

comunitária, nas relações de acolhimento afetivo e coragem diante da realidade, sob a certeza da presença escatológica do Espírito.

Comparando ao movimento da Ortodoxia Radical, James K. Smith diz ser o Pentecostalismo uma terceira via entre o racionalismo moderno e niilismo pós-moderno. Para esse autor, a Ortodoxia Radical como crítica à Modernidade não seria antimoderna e também não é exatamente “pós-moderna” ou, muito menos, pré-moderna. Smith afirma ser outro *tipo de modernidade*, uma alternativa para esse paradigma e seu racionalismo (SMITH, 2003, p.102). O Pentecostalismo e os movimentos carismáticos modernos têm os mesmos traços e partilham características epistemológicas com a conhecida Ortodoxia Radical. Em seu trabalho, Smith faz uma excelente síntese a respeito da cosmovisão pentecostal-carismática, o que aponta para sua epistemologia. O professor do Calvin College elenca pelos menos cinco pontos:

(1) Abertura radical para a ação sobrenatural de Deus como realizador de algo diferente e novo, tendo em At 2 o modelo petrino de reconhecer as ações não naturais do Espírito como obras inesperadas de Deus. A ideia fundamental aqui é a expressão “isto é aquilo” (At 2.16); uma abertura para a alteridade.

(2) Por causa disso, há ênfase no contínuo ministério do Espírito, incluindo o dom de revelação, a profecia e a centralidade das dádivas carismáticas na Igreja (tratada como comunidade agraciada pelo Espírito).

(3) No contexto do ministério do Espírito está a crença na cura do corpo como parte central do aspecto do trabalho de expiação. Esse dado é ponto antagônico ao dualismo corpo-alma fundamentalista e alma/mente-corpo do racionalismo.

(4) Ênfase no papel da experiência em contraste com a racionalidade típica da Teologia protestante/evangélica tradicional. Isso enraíza a tradição carismático-pentecostal e a Ortodoxia Radical na epistemologia afetiva, o que desfaz o dualismo sujeito-objeto da Modernidade iluminista.

(5) Diferentemente da crítica aos carismáticos-pentecostais em relação ao conceito de “outro mundo”, o movimento é caracterizado por um compromisso central com o empoderamento, justiça social e por certa opção pelo marginalizados, o que remonta às suas raízes na Azusa Street, cujo fenômeno se realizou em lugares simples e liderado por um pregador afro-americano (SMITH, 2003).

Em relação ao último ponto elencado na lista de Smith, a tradição pentecostal representa tipicamente a experiência de fé marcada pela criação de espaços perpassados por igualdade de gênero e raça. A pneumatologia pentecostal-carismática possibilita, à luz de suas origens, a presença política, com incidências positivas ou não, mas nunca isenta. Pelo contrário, suas pneumatologia impulsiona para a ação e participação na esfera

pública. Por essa razão, podemos verificar os dados expostos por Valddir Pedde e Everton Rodriques Santos:

No caso brasileiro, mais especificamente no período da redemocratização, o pleito de 1986, que elegeu deputados constituintes, trouxe consigo grandes surpresas. Nessas eleições, as igrejas pentecostais elegeram 32 evangélicos; deste total, 14 pertenciam aos quadros da Assembleia de Deus, dois, à Igreja Quadrangular [...] (PEDDE; SANTOS, 2009, p.290)

Na experiência do Espírito, os primeiros carismáticos e pentecostais viviam os carismas entre homens e mulheres, negros e brancos. Como já citado, a Rua Azusa foi um movimento profético de promoção e serviço aos marginalizados em um tempo de fortes tensões raciais e socioeconômicas, além de promover o papel da igualdade da liderança masculina e feminina. O teólogo pentecostal Amos Yong explica que a compreensão moderna individualista e espiritualista é uma caricatura que descaracteriza as comunidades pentecostais contemporâneas e suas crenças.

É possível. Contudo, vamos ser mais precisos em relação a isso: a representação anterior é certamente mais predominante entre os privilegiados social e economicamente – leia -se: comunidades anglo-pentecostais que não lidaram historicamente com a marginalização sócio-política e econômica. Pelo contrário, especialmente as igrejas pentecostais Afro-americanas e Latinas [...] as boas novas de Jesus Cristo fortalecem o discipulado entre os fieis e contra condições sociais opressoras e – para ser exato – racistas. Para esses irmãos e irmãs, a justificação da alma individual e do coração pessoal sempre se inter-relacionou com a justiça social (YONG, 2019, n.p.)

As perspectivas individualista e espiritualista não são adequadas à epistemologia pentecostal, cuja experiência de fé desenvolveu combate ao racismo e deu lugar a grupos excluídos política e socialmente. A presença do pentecostalismo nas regiões africanas e latino-americanas revelou-se como publicamente engajada e libertária.

O próprio teólogo asiático erradicado nos EUA, na continuidade de seu argumento, reflete a respeito da política americana na era Trump:

Talvez, o recente desenvolvimento da nossa cena política nacional (norte-americana) tenha nos confrontado com o fato de que nós não temos uma sociedade “daltônica”, como nosso pietismo evangélico (histórica e predominantemente branco) presumiu e prefere se autodescrever e declarar. O nacionalismo e a plataforma anti-imigração da atual administração, apoiados e populares entre uma grande porcentagem de evangélicos brancos neste país, despertou-nos para o chamado ao Evangelho bíblico que é para pessoas de todas as línguas, tribos e confins da terra. Ainda, essa mesma mensagem é contra os “Césares” deste mundo. De fato, os ensaios a serem apresentados refletem, de uma forma ou de outra, uma perspectiva hermenêutica. Essa perspectiva trata a justiça social como um dos principais temas da Escritura (YONG, 2019, n.p.)

Superando a perspectiva objetivista, essa proposta epistemológica pode ser bom instrumento de compressão da racionalidade carismático-pentecostal, o que produz a valorização do corpo e a contramão de posturas dualistas ou despreocupadas com as relações sociais e desenvolvimento político.

Dando lugar para o sobrenatural instaurador, as expressões vivas do amor e *pathos* da experiência do Espírito, conjugando o intelecto e vibração das emoções, tal racionalidade poderia ajudar na categorização e o equilíbrio entre intelecto, afetividade, emoções e experiência na teologia pentecostal. Não é um irracionalismo, mas outra racionalidade.

Seguindo o caminho da teologia bíblica, Cheryl Johns e Jackie David defendem uma epistemologia para além da perspectiva dualista, objetivista e conceitual do racionalismo moderno. Tal horizonte dialogaria perfeitamente com a ideia de conhecer observada no movimento carismático-pentecostal, porque aponta para o saber capaz de reunir inteligência e experiência; articulação vivencial e intelecto. Nesse sentido, é preciso, para ser fiel ao seu contexto epistemológico, pensar a hermenêutica pentecostal sem cair no paradigma racionalista, mas que pense o lugar da experiência, o horizonte relacional, emocional e moral. Preocupados com a identidade hermenêutica pentecostal, Cheryl

Johns e Jackie David, exortam a respeito do risco do uso de alguns métodos contrários à dimensão experiencial e relacional da fé carismática (JOHNS; JOHNS, 2013, p.34). Por isso, diversos pentecostais defendem sua epistemologia desenvolvendo caminhos metodológicos que deem conta da inteligência da fé, tratem acuradamente os textos bíblicos e coloquem a experiência no processo; ao mesmo tempo em que sejam capazes de impedir reducionismos racionalistas, dualistas e permitam operar seu programa interpretativo coerentemente².

3.Experiência, teologia pentecostal e presença pública

“Experiência” é um dos termos mais escorregadios das ciências humanas. Usá-la de maneira demasiadamente elástica é arriscado. Segundo Harvey Cox, esse termo poderia ser usado como parte das expectativas teológicas tanto do Liberalismo quanto conservadorismo pietista, especialmente na discussão entre Escritura e razão (COX, 1994, p.6). A glossolalia, por exemplo, é, antes de qualquer coisa, “contraliguagem” estabelecida na adoração ou outros lugares, dentro da categoria da afeição não dominada pelo discurso lógico religioso. Essa experiência do Espírito no fiel leva-o a conectar-se diretamente com Deus sem as mediações do sistema discursivo moderno (1Co 14). Esse quadro experiencial desenvolve a relação entre emoção e razão, afeição e fé. A tradução da glossolalia (1Co 14) é *teologal* e comunitário no processo de edificação, ato segundo e produção teológica. Por isso, a experiência pentecostal, confessa Cox, é o dado novo do conhecimento de Deus resumido na frase: “eu sabia *sobre* Deus, agora eu conheço Deus (COX, 1994, p.9). Ou seja, para a teologia pentecostal a relação imediata da ação e presença divinas coloca o saber teológico no nível da relação direta e sem mediação racionalista conceitual, ainda que a ortodoxia tenha seu lugar, seja importante e se estabeleça nessa relação dialética entre fé experiencial e fé conceitual. A ortodoxia afetiva seria, nesse sentido, o saber sobre Deus eivado pelas afeições da alegria, dor, carisma, milagre, batismo no Espírito, no sentimento limite do “já ainda não” preste ao fim, a saber, no corpo e a partir do lugar da vida do fiel.

Dessa forma, para a teologia pentecostal a experiência não é qualquer coisa, mas a ação do Espírito como foi realizada entre os apóstolos e as comunidades cristãs primitivas. E se a relação entre sujeito-objeto não é dualista, mas relacional e experiencial, o que exige admitir que o leitor sempre carregará seus pressupostos no processo de leitura, para a tradição carismático-pentecostal a realização do Espírito, sua ação poderosa e milagrosa é lugar básico de sua hermenêutica bíblica e teológica. Para os pentecostais que fazem tais discussões (cf.: OLIVEIRA; TERRA, 2018), isso não é tal qual colocar em

² Para essa discussão, cf.: ARCHER, 2004; ARCHER, 1996.

segundo plano as Escrituras. O movimento sempre tratou a Bíblia como Palavra de Deus, mas isso significa dizer que o texto está em relação circular e dialética com os dramas e experiências carismáticas do fiel em comunidade.

Contudo, é importante indicar que essa discussão teórica tem mais lugar entre pentecostais acadêmicos do que nas igrejas locais, porque, como mostram as pesquisas, o fiel pentecostal, desde suas origens, lê a Bíblia de maneira imediata, sem mediações técnicas ou exegeticas, buscando compreender suas experiências e resolver problemas cotidianos. Por conhecerem esse caráter prático da leitura pentecostal clássica, alguns pesquisadores se espantam ao identificarem a forte tendência racionalista e negadora da polissemia do texto entre as discussões bíblicas pentecostais no Brasil. Para muitos, tal caminho significaria traição ao *ethos* pentecostal. Por isso, recentes pesquisas encontram nas propostas pós-críticas ou pós-modernas tendências aparentemente mais adequadas à leitura bíblica pentecostal. Esses não aceitam todas as afirmações ou consequências dessa nova hermenêutica, mas utilizam suas ferramentas. A despeito desses instrumentos pós-modernos por vezes não dialogarem tão bem com a hermenêutica racionalista do Protestantismo/Evangelicalismo tradicional, biblistas acreditam encontrar em suas intuições e propostas possibilidades exegeticas que preservem a dinâmica da leitura bíblica pentecostal-carismática e, ao mesmo tempo, criem limites para não permitir a legitimação de exageros. Assim, é dado ao texto o lugar de destaque e centralização, ao tempo em que se pergunta pelo papel da experiência.

Na tradição pentecostal, a ação do Espírito, suas manifestações carismáticas e o sinal da glossolalia geraram a possibilidade de perceberem nos textos a realidade atual dos dons e o Batismo no Espírito. Para seus fiéis, aquela história e a vida da igreja em Atos são vistas como paralelas às suas experiências atuais: “aquilo é isso”.

Para a tradição pentecostal seria grande equívoco deixar de lado o lugar da experiência para a compreensão do texto, porque foi exatamente esse dado que permitiu perceber-se no texto a realidade presente das manifestações carismáticas, e não o contrário. Além disso, a experiência no Espírito e suas manifestações carismáticas seriam os pressupostos básicos para a leitura bíblica pentecostal das exortações em 1Co 12-14 ou nos textos perpassados por experiências extáticas na Bíblia Hebraica, porque, segundo esse movimento, não seriam esses sinais judaico-cristãos simplesmente falas inteligíveis, discursos racionalmente estáveis ou trabalhos literários, mas ações sobrenaturais e experiência religiosa.

Sob a égide da experiência, tanto a leitura bíblica pentecostal quanto sua ação no mundo servem de caminho de ação política, cujo a força empodera, desde as origens do movimento, negros, mulheres e grupos marginalizados socialmente.

Considerações finais

Seria exagerado afirmar o pentecostalismo como fenômeno pós-moderno ou pós-metafísico. No entanto, a perspectiva histórico-epistemológica desenvolvida coloca o movimento pentecostal menos ao lado do moderno paradigma do sujeito e mais próximo de algumas perspectivas a partir das críticas à Modernidade. Teólogos pentecostais como Amos Yong afirmam que a experiência do Batismo no Espírito Santo desenvolvida pelos pentecostais é símbolo da abertura ao sobrenatural e crítica tanto ao cessacionismo fundamentalista quanto ao liberalismo crítico. A despeito de admitir que os pentecostais são filhos do Mundo Moderno e ao contrário dos fundamentalistas que reagiram ao Modernismo usando o próprio Racionalismo Moderno, os pentecostais reagiram ao modernismo em parte ecoando um “grito do interior do espírito humano”; a glossolalia simboliza esse contradiscurso modernista que perturbou e derrubou os “claustros de ferro” do racionalismo iluminista” (YONG, 2005, p. 62-63).

O Pentecostalismo, nessa perspectiva, não seria um movimento contrário à racionalidade, mas ao racionalismo tecnicista e fechado; não negaria a ciência e suas formas, mas o cientificismo naturalista; não desqualificaria o lugar do saber humano sobre a realidade, mas permitiria perceber que o sobrenatural, a intuição e afeição são outras formas de acesso ao mundo e conhecimento da fé. Em suma, não é irracional, mas propõe outra racionalidade. Então, o Pentecostalismo e os movimentos carismáticos em geral não serão uma cópia de todos os pressupostos da pós-modernidade, mas sua perspectiva sobrenatural é uma oposição direta ao modernismo e à visão de mundo naturalista (OLIVEIRA;TERRA, 2018). Jackie D. Johns, ao descrever as características da visão de mundo Pentecostal, além de afirmar que o movimento compreendia o mundo tendo Deus como centro, “porque todas as coisas são realizadas por Deus”, também é “transracional”, porque os pentecostais não limitam a verdade ao reino da razão. Para eles, o espectro do conhecimento inclui cognição, afeto e comportamento, cada um dos quais é fundido aos outros dois (JOHNS, 1995, p.89). Fé, prática e sentimento devem ser trabalhados em conjunto com as afeições que servem como centro integrador.

Por fim, sua experiência religiosa, em uma perspectiva fenomenológica, representou o preenchimento de uma ausência extática do homem religioso, cujo Protestantismo, filho do racionalismo moderno, não desenvolveu. A experiência pentecostal é um grito contra o fundamentalismo cessacionista e representa o desenvolvimento de outro tipo de racionalidade, a qual dá lugar ao corpo, afetos, pulsão e carisma, o que possibilita não um afastamento do mundo, mas reação política na esfera pública – seja para o bem ou mal.

Referências

- ARCHER, Kenneth J. “Pentecostal Hermeneutics: Retrospect and Prospect”. *Journal of Pentecostal Theology*, 8/April (1996): 63-81.
- ARCHER, Kenneth J. “Pentecostal Story: The Hermeneutical Filter for the Making of Meaning,” *PNEUMA: The Journal of the Society for Pentecostal Studies*, 26:1 (2004): 36–59.
- BARTOŞ, E. The Three Waves of Spiritual Renewal of the Pentecostal-Charismatic Movement. *Review of Ecumenical Studies Sibiu*, n. 7, vol1, p. 20-42, 2015.
- BLUMHOFER, L. E. *Restoring the Faith: The Assemblies of God, Pentecostalism, and American Culture*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1993.
- BYRD, Joseph “Paul Ricoeur’s Hermeneutical Theory and Pentecostal Proclamation”. *PNEUMA: The Journal of the Society for Pentecostal Studies*, 15/2 (1993): 203-14.
- CARGAL, Timothy B. Beyond the Fundamentalist-Modernity Controversy: Pentecostals and Hermeneutics in a Postmodern Age. *PNEUMA: Journal of the Society for Pentecostal Studies*, 15 (1993): 163-87.
- COX, Harvey. A Review of ‘Pentecostal Spirituality: a Passion for the Kingdom’ by Steven J. Land. *Journal of Pentecostal Theology*, Vol. 2, n. 5, 1994, p.3-12.
- COX, Harvey. *Fire from Heaven: The Rise of Pentecostal Spirituality and the Reshaping of Religion in the Twenty-first Century*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1995.
- DAYTON, D. *Raízes teológicas do Pentecostalismo*. Natal-RN: Carisma, 2018.
- ERVIN, H.M. Hermeneutics: A Pentecostal option. *PNEUMA: The Journal of the Society for Pentecostal Studies*, Vol 2, 1981, p. 11-25.
- JOHNS, Jackie David; JOHNS, Cheryl Bridges. Yielding to the Spirit: A Pentecostal Approach to Group. In: MARTIN, Lee Roy. *Pentecostal Hermeneutic: A Reader*. Leiden. Boston: Brill, 2013, p.33-56.
- JOHNS, Jackie. Pentecostalism and the Postmodern Worldview. *Journal of Pentecostal Theology*, vol. 3, n.7, 1995, p.73-96.
- KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. “The Leaning Tower of Mission in a Postmodern Land” Ecumenical Reflections on Pentecostal Mission in the After Edinburgh World. *The Journal of the European Pentecostal Theological Association*, n.2, Vol. 30, 2010, p.82-93.
- KEENER, Craig S. *Spirit Hermeneutics*. Reading Scripture in Light of Pentecost. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 2016.
- LAND, Steven J. *A Pentecostal Spirituality: a Passion for the Kingdom*. Sheffield UK: Sheffield Academic Press, 1993.
- LINDBECK, George A. *The Nature of Doctrine: Religion and Theology in a Postliberal Age*. Philadelphia: Westminster Press, 1984.
- MAFFESOLI, M. *Elogio da Razão sensível*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p.46.

- MC GEE, Gary (Ed.). *Evidência Inicial. Perspectivas históricas e bíblicas sobre a doutrina pentecostal do Batismo no Espírito Santo*. Natal, RN: Editora Carisma, 2017.
- MENZIES, R. *Pentecostes: essa história é a nossa história*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- OLIVEIRA, David Mesquiati; TERRA, Kenner R. C. *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018
- OLIVERIO, Louis William Jr. *Theological Hermeneutics in the Classical Pentecostal Tradition: A Typological Account*. Leiden: BRILL, 2012.
- PEDDE, Valdir; SANTOS, Everton Rodrigo. A inserção dos pentecostais na política: uma ameaça à democracia?. In: *História Unisinos*, n. 13, vol. 3, setembro/dezembro, 2009, 284-296.
- POLOMA, M. M. *The Assemblies of God at the Crossroads: Charisma and Institutional Dilemmas*. Knoxville, TN: The University of Tennessee Press, 1989.
- ROBECK, Cecil M. *The Azusa Street Mission and Revival: The Birth of the Global Pentecostal Movement*. Nashville: Thomas Nelson, 2006.
- ROCHA, Alessandro Rodrigues. *Experiência e discernimento*. Recepção da palavra numa cultura pós-moderna. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados*, vol.2, n.2, 1988, 46-71.
- SMITH, James K. A. What Hath Cambridge to do with Azusa Street? Radical Orthodoxy and Pentecostal Theology in Conversation. *PNEUMA: The Journal of the Society for Pentecostal Studies*, vol.25, no. 1, 2003, p.97-114.
- YONG, Amos. Academic glossolalia? Pentecostal scholarship, multidisciplinary, and the science-religion conversation. *Journal of Pentecostal Theology* 14.1 (2005), p.61-80.
- YONG, A. Foreword. In: HARRIS, Antipas L.; PALMER, Michael D. (ed.). *The Holy Spirit and Social Justice: Interdisciplinary Global Perspectives*. Scripture and Theology. Lanham, MD, 2019. Não Paginada